

## "HISTÓRIA DE MINHA INFÂNCIA"

Só hoje (o livro tinha se extraviado) pego para ler a "História de minha infância", de Gilberto Amado. E quando reparo já passou a hora de ir à praia; almoço tarde, sem largar o livro, continuo a ler, e só paro porque tenho de escrever a crônica.

Perdi o banho de mar, mas não fez mal; fui com tio Gole tomar banho num poço do Piauitinga, fui ver a baleia, apanhei araçá-peito-de-moça, peguei gualamuns em Itaporanga, ouvi cantar a saracura, montei em carneiro e vi D. Isabel nua.

Tudo isso é milagre, porque minha infância tem tudo de diferente dessa de Gilberto Amado — a paisagem, o tempo, os costumes. Fui principalmente um menino de cidade, nascido em cidade, criado na cidade. Mas brincando no rio, no córrego, no morro, passando as férias de junho na roça e as de verão na praia ainda pude aprender o bastante para poder sentir esse livro, me sentir vivendo essa vida em outros tempos, entre outros bichos e árvores e gentes. Quando fechei o livro e abri a máquina ainda perdi uns dez minutos procurando assunto, pois não queria escrever sobre um livro lido apenas pela metade. Que esperança! Eu continuava em Estância, com raiva de tia Minu, vendo o velho Faria fazer versos para mexer com a filha, comendo goiaba no quintal de Sinharinha, ouvindo histórias de Iaiá, aprendendo tabuada, empinando papagaio, chamando sabugo de capuco e aprendendo a comer carôço de jaca assado, coisa que jamais me ocorreu.

A grande força de Gilberto Amado nesse livro está na sua total simplicidade. Ele escreve completamente à vontade, tanto que as vezes suspende a narrativa para bater um papo com o leitor sobre por exemplo a história das palavras, a preferência das mulheres pelos homens bonitos, qualquer outro assunto que apareça. Isso não faz mal nenhum ao livro, até lhe dá um certo movimento; o leitor se sente transportado daquele remoto Sergipe de outro século para uma roda de bar em Paris e no Rio, ouvindo falar o Gilberto Amado de hoje, intensamente lido e vivido.

A morte do velho Manuel Luis, a cena da despedida de Donana (essa mesma que agora se despediu para sempre) "tôda de branco, os cabelos bonitos, tôda bonita, chorando", os detalhes crus, torpes da escola de Sá Limpa, tudo isso tem um tal poder de emoção que não tenho medo de errar prevendo que, no futuro, Gilberto Amado, que escreveu tanta coisa de brilho, cultura e imaginação, ficará principalmente por este documento autêntico de seu ser, todo espontâneo. E' claro que não é apenas o documento, a experiência vivida que interessa. Gilberto é um artista, um intelectual, e não renega essa condição; não fôsse o escritor que é, e não poderia fazer um livro assim. Mas a cultura que fez e as mil visões do mundo que teve, êle como que as utilizou para poder se recuperar bem menino e bem sergipano. Nisso está o feitiço poderoso do livro.

R. B.

P. S. — G. A. é injusto com o dicionário do Aurélio; êle não achou "entás", mas achará "itás" e "intás". O que não sei se está certo é bem-te-vi comendo frutas; nunca vi; seria mais provavelmente sanhaço. Tenho visto bem-te-vi pegando insetos e até peixinhos, mas bicando araçá ou caju, não.

12/12/55